

# Nas Margens Do Instituído: Memória/Educação<sup>1</sup>

*Maria Teresa Santos Cunha \**

## **Resumo**

Este artigo, elaborado a partir da intervenção como debatedora no painel “Memória e História: Questões teóricas e metodológicas”, promovido pela ASPHE, propõe uma reflexão sobre a História da Educação na perspectiva da História Cultural, trabalhando com fontes memorialísticas. A proposta em relação ao texto memorialístico é apresentar o passado ali descrito como uma representação que se faz lançando mão de significados disponíveis no contexto social. Estas reflexões serão apresentadas a partir da análise de dois conjuntos de diários femininos, escritos entre 1964 e 1974, por duas jovens normalistas, onde se procura destacar o processo de formação das professoras através das práticas de escrita memorialística.

**Palavras-chave:** Memória, História da Educação

## **Abstract**

The body whose construction was started upon the intervention as debater on the panel “Memory and History: Theoretical and methodological questions”, promoted by ASPHE, intends a reflection about History of the Education inside of the Cultural History working with memorial facts. The proposition is show the past like a way of representation of the social context. This reflections will be shown through analysis of two diaries that were been written by young students between 1964 and 1974, with distinction to the teacher graduation through memorial practices of written.

**Keyword:** Memory, History of Education

---

\* Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Educação/USP.

<sup>1</sup> Texto apresentado na Universidade Federal de Santa Maria em 31/10/1997, durante o IIº Encontro de Pesquisadores de História da Educação, promovido pela ASPHE. Integrante do painel “Memória e História da Educação: Questões teóricas e metodológicas.”

Não parece haver dúvidas de que experimentamos uma época de transição paradigmática, em que não é mais possível ater-se aos paradigmas que dominaram a reflexão teórica até os anos 80. Recentemente, o historiador Elias Tomé Saliba, quando instado a falar e escrever sobre a busca atual de um eixo teórico para o conhecimento histórico, alertou: “*É difícil, num tempo como o nosso falar ou alinhar algumas reflexões a respeito de tendências históricas na História ou nas Ciências Sociais. Vivemos uma época em que, pelo menos, as chamadas ‘grandes teorias’ estão meio deslocadas, qualquer tentativa de ordenação é vista com desconfiança*”.<sup>2</sup>

Contesta-se o *telos*. Questiona-se o sujeito. Rediscute-se a individualidade e a subjetividade. Advoga-se o tempo do fragmentário, do efêmero, da negação das totalizações generalizadas. A falência das grandes sínteses interpretativas - vítimas das reviravoltas da história e da sua própria pretensão à auto-suficiência teórica - parece corresponder a uma nova atitude diante do sujeito e da história, redefinindo objetos, conteúdos e métodos, bem como fronteiras disciplinares que se atenuam na busca de uma inter, multi e transdisciplinaridade.

Em consequência, decreta-se, na prática a falência de *modelos explicativos*, das grandes teorias explicadoras do real social, substituídos por ecletismos teóricos e até mesmo, no limite, por uma subjetividade epistemológica. Abre-se espaço para a percepção de dimensões do homem que escapam à lógica formal mas que são também fundamentais - a emoção e a sensibilidade: alegrias, medos, angústias, incertezas, temores, euforias que, ao transcenderem o individual constituem-se em forças mobilizadoras do social. Há, enfim, uma certa redefinição de questões culturais nas Ciências Humanas e na História, especialmente. Redimensiona-se a questão da memória, descobre-se o imaginário na história, repensa-se a questão da cultura e por extensão da educação. A educação não formal: como nível, instância ou dimensão do fazer social, onde se amplia o conceito de fontes históricas: (imagens, discursos, memórias, canções, fotografias, etc.) que vão permitir uma melhor reconstituição de vida, iluminar práticas sociais em um processo concreto, despojado de antigos formalismos e onde novas e fecundas parcerias são efetivadas, notadamente com a antropologia, a literatura, a psicanálise, as ciências da linguagem.

Assim, este deslocamento das ênfases no econômico em direção a uma história social marcada pelo cultural e por uma redefinição de cultura e relações sociais, voltando-se para o estudo das mentalidades, valores, rituais

---

<sup>2</sup> SALIBA, Elias Tomé. “Mentalidades ou história sócio-cultural: a busca de um eixo teórico para o conhecimento histórico”. MARGEM/Faculdade de Ciências Sociais/PUC/SP. – n.1, São Paulo: EDUC, 1992. p. 29.

e imaginários abrangendo dimensões do simbólico e das lembranças, instala uma História Cultural. Apenas por um vício pleonástico alcunhada de “nova” e que tem a vantagem de permitir ao historiador uma abordagem multilateral e definida por Roger Chartier como “*o modo em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler*”.<sup>3</sup>

Por esta razão a Nova História Cultural parece gozar de maior popularidade, embora ainda pese sobre ela uma certa indefinição cultural e uma imprecisão teórica de abordagem, mas estas dificuldades já estão sendo enfrentadas pelos historiadores. E, pergunto-me, como fazer? A solução tem sido não perder de vista o global em proveito de *uma história em migalhas*, colocando-se relações/inter-relações econômicas, sociais, culturais descritas e analisadas com erudição e sensibilidade, evitando-se recortes excessivos sem abrir mão da dimensão da globalidade e da preocupação interpretativa.

Tem sido neste viés interpretativo que a História da Educação tem procurado trabalhar e o campo do historiador tem se alargado para além dos aspectos formais da educação (escola, filosofia) em direção a outros campos do conhecimento, sujeitos e objetos até então inexplorados. Novos centros de interesse estão em áreas tidas antes como marginais, como por exemplo, questões de gênero, práticas de leitura, memória, imaginário. Uma rápida “olhada” nas comunicações apresentadas nas cinco últimas reuniões do Grupo de Trabalho de História da Educação/ANPED, sinalizam a mudança. Objetos antes *naturalizados*, como a Escola, por exemplo são colocados na ordem do histórico, portanto do mutável e são *desnaturalizados*.

Os trabalhos igualmente apresentados no 1º Seminário Memória, Docência e Gênero, na Universidade de São Paulo - USP, em 1996 apontam para uma avalanche de estudos de cunho memorialístico/biografias o que permite pensar tanto no ressurgimento da importância do indivíduo na história da educação como na valorização das ações da experiência vivida.

Questões teórico-metodológicas sobre fontes memorialísticas são pontuadas e dizem respeito aos cuidados que se deve ter com as idealizações que perpassam tais escritos. Nesse aspecto, gostaria de acrescentar algumas considerações teórico-metodológicas que, igualmente, tenho vivenciado no trato com este material.

Abordar esta temática nos coloca diante do fascínio de novas perspectivas que se abrem para a história da educação, mas significa também, tatear um emaranhado valorativo e conceitual extremamente complexo por envolver quebras conceituais já consolidadas (o documento

---

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989. p. 16-7.

como única verdade) sem poder compor, ainda, um novo conjunto de conhecimentos já consolidados.

A proposta em relação ao texto memorialístico é justamente mostrar suas potencialidades como documento/fonte sem entretanto descartar a perspectiva de que devem ser utilizados com cuidado, pois como lembra o poeta Mário Quintana: *“o passado é uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima. A memória tem uma bela caixa de lápis de cor”*.

Ao lidar com memórias, biografias é importante não desconhecer que elas tendem a descrever o passado em termos românticos e nostálgicos e, como a época rememorada se refere a um dado momento da vida, parece compreensível que sejam percebidas e descritas de forma idílica, projetando uma imagem de coerência interna, de harmonia. Daí dizer-se que o passado *“é uma representação, que pode se valer da imaginação e da fantasia”*.<sup>4</sup>

Ter em mente que o registro de memória é também uma ficção é um dever do historiador, daí a necessidade de cruzar variadas fontes, de iluminar o objeto a partir de outros ângulos. É preciso relativizar a fonte porque todos temos, no fundo, a tendência de irmos vendo nas diferentes etapas de nossa vida o resultado e o compêndio do que nos aconteceu, do que conseguimos e do que realizamos, como se fosse tão somente isso o que conformasse nossa existência. Quase sempre nos esquecemos que as vidas das pessoas não são somente isso: cada trajetória se compõe também de nossas perdas e de nossos desperdícios, de nossas omissões e de nossos desejos irrealizados, das numerosas possibilidades que em sua maioria não chegaram a se realizar, de nossas vacilações e nossas fantasias.

É preciso sempre lembrar, no trato com essas fontes, que a maioria completa biografia, o mais fiel testemunho, até mesmo os próprios, são constituídos de fragmentos irregulares e de pálidos pedaços. Julgamos poder contar nossas vidas de maneira mais ou menos racional e cabal e, quando começamos, percebemos que estão povoadas de zonas de sombra, de episódio não-explicados e talvez inexplicáveis, de opções não tomadas, de oportunidades não aproveitadas, de elementos que ignoramos porque dizem respeito aos outros, sobre os quais é ainda mais difícil saber tudo ou saber um pouco. Tudo isso deve nos alertar que também o passado é uma construção, uma versão, uma interpretação e que o que foi também está integrado pelo fato que não foi e que não foi ainda pode vir-a-ser.

Os documentos memorialísticos são importantes pois, através deles, é possível situar-se no mundo simbólico da cultura, uma vez que toda

<sup>4</sup> HALBWALCHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Edit. Revista dos Tribunais, 1990.

memória pessoal o é também, memória de um tempo, representa uma tentativa de dar sentido à vida e o faz lançando mão de significados disponíveis em seu contexto social e revela, sim, dimensões simbólicas do mundo narrado.

## Diários femininos: abrindo arquivos

- Especificidades sobre o processo de formação da professora -

Uma outra reflexão possível a partir do discurso memorialístico, dessa feita são memórias de mulheres, mais precisamente, diários femininos.

Registros da existência íntima conservados pela escrita, os diários estão associados às práticas cotidianas da memória feminina “*na medida em que as mulheres neles se exprimiam de forma mais abundante ... [...] e cujo emprego é recomendado às jovens solteiras pelos confessores e, mais tarde, pelos pedagogos, como uma forma de controle de si*”.<sup>5</sup>

Quase sempre condenados à reclusão, os diários femininos redigidos em segredo, circulando muito timidamente no meio familiar, atingem, na atualidade, repercussão política e histórica, nos quais mulheres se mostram como agentes de uma construção discursiva que deixa entrever seus diversos papéis sociais: professora, operária, mãe, dona-de-casa, leitora , etc.

No caso da pesquisa que ora realizo com diários de três normalistas escritos entre 1964 a 1974, em Florianópolis (SC) e Capinzal (SC) eles se revelam preciosos porque tratam de como adolescentes viam sua formação, sua vida e sua condição profissional.

Como venho trabalhando com essas memórias/biografias?

Assegurando, sempre, a importância do narrador, procuro a partir da escrita das jovens nos diários, cruzar suas versões com outras fontes e outros dados colocando-os na longa duração e analisando-os sob a ótica das transformações políticas, sociais, culturais ocorridas no período em estudo. As relações afetivas de amor e amizade, o conflito de gerações e a presença de uma linguagem de época (gírias e termos do cotidiano) ajudam a iluminar perspectivas formais e informais da educação.

O que parece relevante ressaltar e caracteriza uma certa tradição no discurso de professores diz respeito a um processo de *sacralização*, com o qual o magistério (a condição profissional) é ainda representado.

---

<sup>5</sup> PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA/ANPUH/18. São Paulo: Marco Zero, 1989, p. 9-18.

Construção ainda presente no imaginário, o magistério como *missão, carreira de espinhos que exige abnegação* também é recorrente nos discursos mais recentes, da década de 1970 e parece ser este *poder de relato* que instaura modos de legitimar tradições e, mais ainda, estereótipos.

A título de ilustração gostaria de, muito brevemente contar/comentar o que venho encontrando neste material e as possibilidades dessas fontes para a montagem de uma História da Educação, tanto do papel desempenhado pela socialização informal como o que foi fornecido pela escolarização formal e que revelam caminhos para muitos possíveis nos estudos da área de educação/memória.<sup>6</sup>

a) Sobre a condição de professora

Florianópolis (SC) 01-,06-1967

Tivemos pela 1ª vez aula de Prática de Ensino ministrada por D. Izabel. Foi ótimo. Ela nos falou da importância das professoras no mundo de hoje. Como farol, para iluminar vidas, como amigas, 2<sup>as</sup> mães.

(Diário de L.)

Capinzal (SC) 01-03-1968

Pela manhã entrei em contato com meu segundo ano. Pareciam completamente à vontade e felizes. Senti-me realizada. O amor traz amor.

(Diário de V.)

Capinzal (SC) 15-03-1969

Trabalhei muito e acho que consegui fazer alguma coisa ao meu próximo. Dei muitas aulas. Meus alunos são pães. Lá no Grupo o ambiente é ótimo. Sente-se o amor por todos os lados.

(Diário de V.)

Entre tantos outros, há um relato extraído do Diário de L. que mostra outras vozes sobre a atuação, expectativas do ser professora, que pode

---

<sup>6</sup> Os dois conjuntos de Diários estudados compõem-se de dez cadernos manuscritos, doravante identificados como: Diário de L. e Diário de V.

ajudar para uma maior compreensão de participação feminina em eventos públicos e, ao mesmo tempo, marca uma certa diferença dos outros discursos:

Florianópolis (SC) 02/04/1968

O Instituto de Educação está em greve. tudo por causa da morte no Rio de Janeiro de um estudante secundarista: Edson de Lima Souto. O rapaz foi assassinado quando protestava contra as más condições da comida do Restaurante Calabouço e também contra a ditadura do atual governo e o imperialismo americano no Brasil.

Hoje a passcata foi aqui, embora com chuva tinha bastante gente. Vi da janela. Claro que eu quis ir, mas os velhos não deixaram. Fiquei doida! Avistei a Stella, professora de Geografia. Onde andarão as outras? Havia poucas professoras. Quando eu for maior de idade e professora eu vou. Acho legal! Quer ser Professora com P. maiúsculo.

(Diário de L.)

Estes trechos extraídos dos diários em estudo tanto apontam o sublime da vocação reiterada na escolarização formal (Diário de L.) como uma interiorização desta visão nos discursos produzidos pelas jovens seja quando colocam em destaque a importância da noção de afeto no ensino e descrevem uma visão harmoniosa das relações sociais onde conflitos e disputas parecem não ocorrer (Diário de V.), seja quando reforçam estereótipos e criam legitimidades como as que dizem respeito à sacralização do espaço escolar.<sup>7</sup>

Da trajetória cumprida até o momento, estão brotando várias perspectivas de abordagem ao tema, caminhos que talvez se revelem promissores, embora necessitem de uma avaliação mais de perto quanto às possibilidades de viabilização. O material tem se revelado rico e promissor para outros estudos como, por exemplo, dos rituais escolares (festas, homenagens, horários) que apontam para uma certa ordem escolar.

Ou ainda, o que me parece muito instigante, abordam em um viés interdisciplinar a linguagem de época, gírias, formas de tratamento, conflito de gerações, as diversões que em última instância, dão o tom da educação

<sup>7</sup> Esta questão foi bem trabalhada por SOUSA, Cynthia P.; CATANI, Denice B.; SOUZA, Maria Cecília C. C. e BUENO, Belmira O. IN: "Memória e autobiografia - Formação de mulheres e formação de professoras." REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. ANPED, n. 2, São Paulo, 1996. p. 61-76.

de uma época e que explícita ou implicitamente estão presentes nas memórias tanto pelo que contam quanto pelos seus silêncios e lacunas.

Enfim, as possibilidades de continuar são múltiplas e instigantes pois fazer história é, talvez, substituir o espaço perdido pelo tempo ...

## Referências Bibliográficas e Apoio

- AGUIAR, Flávio et. alli (orgs.). *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- BUFFAULT, Anne Vicent. *Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia E. Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CHAUNU, Pierre et alli. *Ensaio do Ego História*. Tradução de Ana Cristina Cunha. Lisboa: Edições 70, 1989.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens. três mulheres do século XVII*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MCCARTHY, Mary. *Memórias de uma menina católica*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (org.). *Literatura Confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- SOARES, Magda Becker. *Metamemória - Memórias: Travessia de uma Educadora*. São Paulo: Cortez, 1991.
- VIANA, Maria José Mota. *Do sótão à vitrine: Memórias de Mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.